



Escola mais antiga de Brasília, ainda em funcionamento, foi fundada há 43 anos e fica na Vila Planalto

e-mail:educacao@cbdata.com.br

EDUCAÇÃO

Ronaldo de Oliveira



Alunos do Centro de Ensino nº 1 do Planalto na hora da saída: fundado em 1957, colégio já atendeu várias gerações de uma mesma família, mas crianças desconhecem importância histórica do lugar onde estudam

SALAS HISTÓRICAS

Humberto Rezende
Da equipe do **Correio**

O prédio parece tão novinho que as crianças não acreditam. “A escola mais velha de Brasília?”, desconfia o pequeno Maicol, sete anos. Mas sim, elas estudam numa escola fundada antes da inauguração da capital. Não é a primeira, que foi o Grupo Escolar nº 1, no Núcleo Bandeirante. Mas a escola de Maicol é a única surgida na época da construção da cidade que ainda continua funcionando. Foi inaugurada em 1957, com o nome de Escola Engenheiro Pery da Rocha França. Ficava na rua 3, do Acampamento Tamboril, da Vila Planalto. Mais tarde, em 1966, mudaria de nome, ganhando a denominação de Escola Classe nº 1 do Planalto,

como são chamados os colégios públicos que atendem as crianças de 1ª a 4ª séries.

“Sei sim. Minha mãe estudou aqui. Era de madeira e ficava lá em baixo”, conta, mais bem informado, Elenilson Dias, 10 anos, aluno da 3ª série, pintado de índio, em lembrança ao 19 de abril. O carioca Elenilson está certo. Em 1991, a escola sofreu uma nova mudança. De nome, de endereço e de estrutura.

A escola de madeira da rua 3 foi desmontada e transferida para a Avenida Central, em um prédio pré-moldado. O nome agora é Centro de Ensino 1 do Planalto. Das 200 crianças que atendia em 1959, cresceu para um total de 970 alunos, e tem turmas de 1ª a 8ª séries, funcionando inclusive à noite.

Várias gerações passaram

pela escola. Na família de Maria Dirce Ramalho, 43 anos, por exemplo, já são três. Vinda de Goiás para Brasília em 1959, com um ano, foi na escola da Vila Planalto que Dirce aprendeu a ler e escrever. Hoje, depois de mandar todos os cinco filhos para a mesma escola, matriculou também a neta mais velha, Ludiane, seis anos, na mesma escola.

“Só é uma pena não terem preservado a escolinha antiga, de madeira. Era tão bonita. Podia servir para trazer os turistas e mostrar uma das primeiras escolas de Brasília”, lamenta Dirce, que estudou até a 5ª série, quando casou-se, aos 15 anos.

HISTÓRIA

O valor histórico da escola que Dirce tanto prega, no entanto, não é muito percebido.

Enquanto vários colégios da cidade promovem festas, feiras e apresentações sobre os 40 anos da cidade, a escola mais antiga de Brasília é muito discreta. Apenas um mural, feito pelos alunos adultos do período da noite, sobre o tema, enfeita uma das paredes. Além disso, alguns professores trabalharam o tema em sala, mas muitas crianças desconhecem a história da escola onde estudam.

Olhando atentamente, porém, o que mais se enxerga naquele colégio é a história de Brasília se repetindo, e tornando a cidade o que é hoje. Como todas as escolas feitas na época da construção da capital, o Centro de Ensino 1 surgiu para atender aos filhos de homens e mulheres que vinham dos cantos mais distantes do país tentando melhorar de vida. Hoje a situa-

ção continua parecida. “Cerca de 60% dos alunos da tarde moram nas invasões próximas daqui”, calcula a diretora, Cleycy Maria Fernandes.

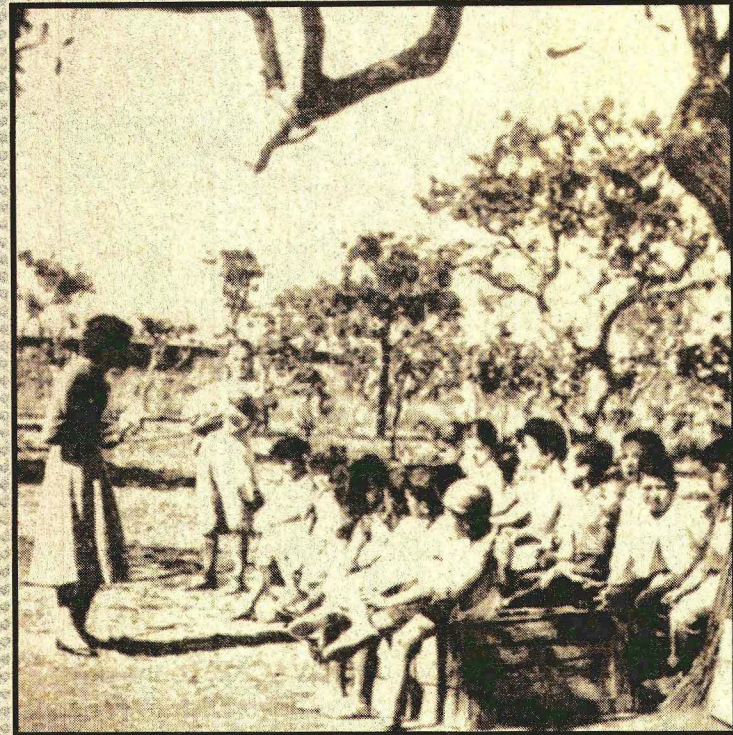
Como parte do programa *A escola bate à sua porta*, os funcionários do colégio foram às invasões cadastrar e matricular as crianças que vivem lá. Alunos como os irmãos Alexandra, 12 anos, e Roberto Silva, 11 anos, que vieram com a mãe e o padrasto de Pernambuco, viver da coleta de latas de alumínio, atividade à qual se dedicam pelas manhãs. À tarde, junto com outras crianças das invasões, vão estudar, todas dentro de uma carroça usada para coletar as latas. Um retrato da história da cidade, cujo projeto educacional inicial queria enfrentar.

Quando se pensou na forma de organizar o ensino da capi-

tal, projeto a cargo de Anísio Teixeira e que pretendia revolucionar o ensino no país, uma das primeiras propostas era fazer com que as crianças estudassem em escolas perto de suas casas e que todas as salas tivessem estudantes de diferentes classes sociais. Era uma tentativa de democratizar o ensino.

Hoje, os alunos que vivem nas invasões têm vergonha de dizer onde moram. Dizem apenas “lá longe”. Outros nem respondem, envergonhados. Mas os pés descalços, a pele e cabelo mal tratados deixam claro a diferença social entre os colegas. Mas Brasília continua sendo uma aposta para mudar de vida. “O que mais gosto daqui é que posso vir para a escola aprender a ler e escrever”, diz Roberto, que, assim como a irmã, nunca tinha entrado numa sala de aula.

Reprodução



Aula debaixo de árvore, em 1957: esforço para ensinar as crianças

O ENSINO TAMBÉM TEVE SUAS PIONEIRAS

Logo no começo da construção de Brasília, os homens vieram sozinhos trabalhar, deixando suas famílias nos estados de origem. Mas em 1957, já havia famílias inteiras, com crianças. E criança, em qualquer lugar, em qualquer época, precisa de escola. O começo da educação da nova capital deve muito ao esforço individual de mulheres que tomaram para si a responsabilidade de instruir os pequenos pioneiros, dando aulas mesmo debaixo de árvores, como fez a professora Anahir Pereira da Costa, criadora da primeira escola particular de Brasília.

Outra pioneira do ensino foi Lola Barrenechea, 73 anos, moradora até hoje da cidade. Lola veio

para cá em 1957, acompanhando o marido, o artista plástico Felix Alejandro, com uma idéia fixa: montar uma biblioteca. Recém formada em biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), não via outra possibilidade na cidade. “Era minha profissão, não havia nada mais que pudesse fazer”, conta.

Ganhou uma sala na sede da Companhia Urbanizadora de Brasília (Novacap), com uma mesa, uma cadeira e uma máquina de escrever. Com a máquina passou a escrever cartas para livrarias, editoras, escritores e intelectuais, pedindo ajuda e começando assim o milagre da multiplicação dos livros. Em 1958 era inaugurada a Biblioteca e Discoteca Vis-

conde de Porto Seguro. “Tínhamos também discos com histórias infantis para atrair as crianças para o local”, lembra Lola.

Outra forma de conquistar o público infantil foi criando a Escola de Artes de Brasília, dirigida por Felix, e que montou mostras dos trabalhos feitos pelas crianças. Mas o público da biblioteca era pequeno. Não havia muitos meios de transporte e apenas quem morava próximo a frequentava. Lola lembra que o cliente mais assíduo era o presidente da Novacap e, posteriormente, primeiro prefeito da capital, Israel Pinheiro, muito interessado em uma rara coleção Brasileira, de História do Brasil, que Lola havia conseguido.

Em 1959, a biblioteca ganhou nova sede na W3 Sul, onde funcionou até 10 de junho de 1961. Nesse dia, ao mesmo tempo em que Lola dava à luz sua filha Adriane, seus livros eram jogados na rua. Uma mulher, que Lola prefere não dizer o nome, protegida de um alto funcionário do governo, havia recebido a casa onde funcionava a biblioteca para morar.

Quando soube do ocorrido, Lola ficou chocada e perdeu, literalmente, a fala. Ficou afônica por mais de 20 dias. Desolada, conseguiu se recuperar sabendo que seu esforço não havia sido em vão. Os livros foram doados e até hoje alguns exemplares recheiam as estantes da biblioteca da Escola Classe da 308 Sul.